

# A RELAÇÃO DA FUNÇÃO PATERNA NO PROCESSO DA ESTRUTURAÇÃO PSICÓTICA

2011

**Marta Viviane Wodonos**

Diplomada em Psicologia pela Faculdade Dom Bosco (Brasil).

E-mail:

[marta\\_yw@yahoo.com.br](mailto:marta_yw@yahoo.com.br)

---

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo desvendar a elaboração da avaliação do risco de suicídio e do julgamento clínico, enquanto uma poderosa arma no âmbito da prevenção, bem como, investigar os instrumentos disponíveis publicados na literatura especializada. Atualmente o risco de suicídio é avaliado com base nos fatores de risco e de proteção, que auxiliam na identificação daqueles sujeitos que possuem uma maior ou menor probabilidade de cometerem suicídio. Entendemos que, para a elaboração de uma terapêutica adequada para cada caso é fundamental uma avaliação psicológica, porém essa prática não é um trabalho simples, afinal não há uma conduta única, é necessário que esse método envolva flexibilidade que englobe os inúmeros aspectos do suicídio. Conclui-se que para a elaboração do manejo da crise suicida é essencial uma avaliação de risco e devido à complexidade do fenômeno, faz-se necessário que o clínico promova uma avaliação ampla de vários indicadores.

**Palavras-chave:** Função paterna, simbiose, separação, psicose

---

## 1. INTRODUÇÃO

A estrutura psicótica de uma pessoa está vinculada à presença da função paterna. O desenvolvimento psíquico do ser humano também está atrelado a essa função. A partir desses pressupostos foi definido que o objetivo deste estudo buscou compreender como a presença da função paterna contribui para o desenvolvimento psíquico do ser humano e como colabora para o desencadeamento da estrutura psicótica.

Para fins de compreensão dessa temática, cabe explicitar o encaminhamento do estudo ocorrido anteriormente à definição dessa pesquisa (Wodonos, 2009), cujo objetivo inicial foi entender se haveria alguma relação da falta ou a falha na função materna com o estabelecimento da psicose, buscando entender se a função materna teria alguma implicância nesse processo. No decorrer do estudo, constatou-se que o fator principal situa-se na intervenção da função paterna, onde a falta da inscrição do Nome-do-Pai na linguagem da mãe é considerado pelos teóricos como fator preponderante no estabelecimento da estrutura psicótica.

Metodologicamente foi utilizada a entrevista como instrumento para coleta de dados. Essa foi realizada com quatro mães de pacientes psicóticos, sendo uma realizada em uma unidade básica de saúde e as demais num hospital psiquiátrico particular. As entrevistas são de abordagem qualitativa, baseada em história oral realizada com as mães e alguns familiares dos pacientes, a fim de verificar como foi a relação de quem realizou a função materna com a criança, bem como a presença do significante paterno, onde o objetivo foi analisar como ocorre a relação que envolve a função paterna no processo do desencadeamento psicótico.

## **2. MARCO TEÓRICO**

### **2.1. A família e a função materna**

Uma das principais instituições existentes, considerada como um dos pilares da sociedade é a família. Sua característica principal é dar suporte para a sustentação psíquica e constituição do ser como sujeito presente no campo da linguagem, é baseada em relacionamentos, sem os quais deixaria de existir. Lacan comenta a importância das relações para a espécie humana, que é caracterizada pela união através da família. Ela é que introduz o indivíduo dentro da realidade social, na vida psíquica e é responsável pela transmissão e inserção do *infans* na cultura. Prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos e na aquisição da língua materna (Lacan, 2002, p.13). Por meio da família é que se dá a constituição da personalidade, sendo responsável também pela formação do psiquismo, colocando assim o sujeito num conjunto de idéias inconscientes. Esses “formadores”, como diz Kaes (*et al*, 2001), são que transmitem à criança investimentos, cuidados, apresentarão objetos, lugares, indicarão limites e enunciarão interditos, enfim, é nesse grupo que ela se constituirá como sujeito falante e falado.

Segundo Volich (2000, p.116), a função materna é de fundamental importância para assegurar o desenvolvimento e o equilíbrio da economia psicossomática do bebê. Além de oferecer satisfação das necessidades fisiológicas, oferece proteção contra as ameaças físicas do meio acrescentadas de afetos importantes para o ser humano, pois cuidados biológicos e materiais são insuficientes para garantir a sobrevivência, o que afirma Spitz ao descrever sobre suas pesquisas sobre hospitalismo, onde demonstrou através da observação em bebês numa instituição de crianças abandonadas, constatando que as crianças desprovidas de afetos

apresentaram atraso motor, diminuição dos movimentos, expressão facial vaga, não conseguindo nem mesmo andar ou falar e apresentavam ainda grande incidência de doenças infecciosas graves e taxa de mortalidade significativa. Na sua condição de desamparo, o bebê é totalmente dependente de alguém que realize a função materna e garanta sua sobrevivência. Portanto, seja a mãe, a avó, o pai, outro familiar ou mesmo alguém estranho, alguém terá de realizar a função materna para que a criança possa viver e crescer.

Antes mesmo do nascimento, quando a mulher descobre a gravidez, a criança já existe como sujeito no desejo da mãe. Já lhe é atribuído um lugar dentro da família. Esse lugar de pertença (Soares, 2008, s.p) é essencial para que o bebê sobreviva, como foi citado, é o que proporcionará, no decorrer da vida, sua sustentabilidade psíquica. A dependência da mãe da função materna é o que Margareth Mahler (1982, p. 13) chama de “simbiose mãe-bebê”, e é necessária para a sobrevivência, porém tem seu tempo certo para acabar, dando início então ao processo de separação-indivuação, conceito também proposto por esta autora, como seqüência do desenvolvimento normal, dando início à ruptura da simbiose. Quando esta não é rompida, os resultados podem ser danosos. Mahler (1982, p.62) diz que “o aspecto essencial da simbiose é constituído pela fusão onipotente, psicossomática ou ilusória com a representação da mãe. Este é o mecanismo ao qual o ego regride nos casos das mais graves perturbações da individuação e desorganização psicótica”. A fusão que se dá entre mãe e filho prevalece, dificultando a diferenciação entre o eu e o não-eu, constituindo assim a estrutura psicótica.

## **2.2. A função paterna**

Ao falar sobre função paterna, não se refere somente ao pai biológico, mas, como nos diz Roudinesco (2003, p.21), pode realizar a função paterna “aquele que conduz pela mão”, por via da palavra, nomeando-se como pai, designando-se a si mesmo como tal. Vale ressaltar que é o pai designado pela mãe. Roudinesco (2003, p.23) salienta que a presença importante do pai não é o nome de pai procriador, mas o pai pela fala, que delinea a lei da proibição do incesto. Mannoni nos diz que “a presença real do pai não é indispensável: o que parece indispensável é a presença do pai no discurso da mãe” (Mannoni, 1986, p.48). O principal fator para se efetuar a separação é à entrada da função terceira, a função paterna, que irá barrar a relação dual mãe-bebê. Lemaire (1979, p.215) nos diz que “a palavra do pai (no Édipo), interditando a mãe ao filho, coloca-o na instância de derivar seu desejo para outra coisa” e prossegue dizendo que “quando a mãe nega à palavra do pai a função da lei, impede o filho de aceder à metáfora paterna, isto é, a representação de um pai que seja a autoridade que o separe dela.” (Lemaire, 1979, p. 288).

## **2.3. O Complexo de Édipo e a metáfora paterna**

A referência edípica baseia-se na teoria do Complexo de Édipo, onde Lacan vai dizer que aparece como o eixo segundo o qual a evolução da sexualidade se projeta na constituição da

realidade, na fixação da criança por um desejo sexual ao objeto mais próximo dela, no caso seu progenitor. O mito de Édipo dá forma épica à proibição do incesto e assim à articulação entre o desejo e a lei (Nasio, 1995). Lacan (2002, p.42) diz que Freud dá ao complexo de Édipo um lugar de elemento psicológico específico dentro da família. Lemaire (1979, p.135) diz que “o Complexo de Édipo é um momento em que a criança se humaniza tomando consciência de si, do mundo e dos outros”. Diante do desejo existente pelo genitor, há também a frustração pela proibição. Lacan vai dizer que o complexo de Édipo marca todos os níveis do psiquismo humano. No primeiro tempo, a criança é identificada ao objeto de desejo da mãe, ambos estão ligados na simbiose, onde o pai é inexistente e o bebê é o falo da mãe. Conforme a criança vai crescendo, irão entrando terceiros na relação que correspondem à função paterna, que irá, progressivamente, romper a célula narcísica, representando o corte e também aquele que apresenta outras possibilidades ao filho, objetos além da mãe (Soares, 2008, s.p).

Lacan resume o Édipo freudiano na fórmula da metáfora paterna como “uma operação de substituição significativa, em que o Nome-do-Pai substitui o significante do desejo da mãe, cujo significado é incógnito para o sujeito, e que tem como resultado a inscrição da lei da castração no Outro e a produção da significação sexual que é fálica”. (Quinet, 2002, p. 101). Então, a intervenção da função paterna permitirá que a criança se aparte de sua identificação imaginária ao falo da mãe e se submetam à lei simbólica, para ter acesso à sua significação. Assim, o Outro, a mãe, é marcada pelos efeitos da castração, deixando sua posição superior, tendo seu poder barrado pelo Nome-do-Pai. A metáfora do pai vai apontar à criança que o desejo da mãe se encontra em outro, que ela também é submetida a uma lei, ou seja, é castrada, não todo-poderosa (Soares, 2008. S.p). O pai representa um rival, que disputa com a criança a mãe, cujo desejo torna-se para ela um enigma ao perceber que não é mais seu total objeto de desejo.

Quando se fala em “Nome-do-Pai”, trata-se de uma expressão de ordem religiosa, que designa a função paterna tal como é internalizada e assumida pela própria criança (Nasio, 1995, p.158). Lacan a qualifica como metáfora paterna, ou seja, metáfora do desejo da criança perpassada pelo desejo da mãe. Lacan (1999, p.152) também fala do Nome-do-Pai como o pai simbólico, que autoriza o texto da lei por estar, ele mesmo, no nível do significante ressaltando:

... vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial, o Nome-do-pai, no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação de certa ordem do significante- complexo de Édipo, ou lei da proibição da mãe (Lacan, 1999, p. 153).

Com a intervenção da entrada da metáfora paterna, desfaz-se a identificação da criança como falo da mãe, destruindo ou recalçando-a. Esta passa a ser simbólica na medida em que passa a ser da ordem do imaginário, um significante que segundo Quinet, “vai permitir ao sujeito situar-se na ordem simbólica e na partilha dos sexos como homem ou mulher” (Quinet, 2000.

P12). A criança vai passar então da posição de ser o falo para a questão de ter ou não tê-lo. Para Lacan (1999, p.201) então, o pai acha-se numa posição metafórica, na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença e palavra, a existência como tal do lugar da lei. Assim sendo, Lacan diz que “o pai é uma metáfora e esta é um significante que surge no lugar de outro significante, que substitui o primeiro, introduzindo na simbolização o significante materno” (Lacan, 1999, p.180). Assim, o Nome-do-pai é o pai enquanto função simbólica que vem metaforizar o lugar de ausência da mãe, é o significante que faz ela (a mãe) ser simbolizada. Citando Lacan,

O pai é uma metáfora (...). Uma metáfora é um significante que surge no lugar de outro significante. Nisso está o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo, é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno (Lacan, 1999, p.180).

Portanto, o Édipo é o preço para se construir como sujeito na linguagem, aprender a lidar com a castração simbólica e com a lei. “Não pagar esse preço é a entrada para o campo das psicoses” (Quinet, 2000, p.15). Ele ainda nos diz que “é nesse sentido que se coloca para Lacan a condição essencial da psicose: a foraclusão do Nome-do-Pai do lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna” (IBID). Lemaire (1979, p.215) cita que Freud nos revela que é graças ao Nome-do-Pai que o homem não permanece ligado ao serviço sexual da mãe.

#### **2.4. A foraclusão do Nome-do-Pai**

O termo “foraclusão” origina-se do vocabulário jurídico que significa, nesta área, dizer que um processo está “forclos”, isto é, está fora do prazo legal, portanto está impedido de se apelar (Quinet, 2000, p.15). Significa a exclusão de um direito que não foi utilizado no tempo devido. Oriundo do francês, “forclusion”, é também utilizado como uma forma de negação (IBID). Dessa forma, foraclusão designa que não há inclusão, não há a presença do significante da lei no simbólico, mas sua abolição que implica em problemas de ordem edipiana, já que o sujeito não é submetido à castração simbólica. A foraclusão é, com efeito, o nome que a psicanálise dá à falta de inserção, no inconsciente, da experiência normativa da castração, experiência crucial que, na medida em que é simbolizada, permite à criança assumir seu próprio sexo e desse modo, tornar-se capaz de reconhecer seus limites. Segundo Lemaire (1979, p.131) “o fenômeno da foraclusão em Lacan é o que distingue a psicose da neurose. Define-se pelo fracasso do recalque originário e, portanto, pelo fracasso na entrada do simbólico ou na linguagem. O sujeito permanece ancorado no imaginário, tomado pelo real (...)”.

Quando a operação da foraclusão se verifica, ou seja, quando o Nome-do-pai não surge ali onde era esperado, segue-se então no paciente psicótico uma série de remanejamentos de elementos simbólicos que perturbam as representações relativas à sua filiação. Todos esses

remanejamentos são induzidos pela vacância criada no simbólico, e que Lacan denomina de “buraco cavado no campo do significante”. Em torno desse furo ergue-se a construção de uma nova realidade que vem substituir a realidade perdida, anterior à ocorrência do evento foraclusivo. A não inscrição do significante no Outro resulta no que para Lacan é marca da psicose: os distúrbios de linguagem, em particular, a alucinação, que geralmente é verbal. “No psicótico a experiência da realidade será deformada para sempre” (Lemaire, 1979, p. 279).

O outro, para o psicótico, não é barrado, é consistente e onipotente. A posição do sujeito na psicose é a de ser o objeto do gozo do outro, objeto de seu uso, que reproduz o primeiro tempo do Édipo, quando a criança está identificada ao falo materno, sendo seu objeto (Quinet, 2000, p.17). É pela entrada da metáfora paterna que a criança é arrancada dessa posição de ser objeto de desejo da mãe, Quinet nos diz que “a introdução do Nome-do-pai no Outro barra o acesso do sujeito ao gozo e ele não poderá mais ser esse objeto, a não ser em sua fantasia” (Quinet, 2000, p. 27,29).

Para concluir, Lemaire (1979, p.288) nos confirma:

A atitude materna é fundamental. E somos levados ao que Lacan chama de metáfora paterna. Se a mãe trata seu filho como o complemento de sua própria falta, como o falo com o qual, aliás, ele procura se identificar, se pois, o filho é tudo para ela e com ela é confundido numa união difusa, ele não pode dispor de sua individualidade. Se, ao contrário, a mãe reconhece ao pai a função de fazer valer as leis da sociedade, respeitando sua palavra, a criança pode aceitar a castração simbólica do pai e encontrar, através do acesso à ordem do símbolo e da linguagem, o significante originário de si: o nome e o lugar que lhe são destinados a ocupar na constelação familiar.

Portanto, na psicose não se encontra a entrada da função terceira, pode-se perceber nitidamente a falta da lei, da interdição, enfim do Nome-do-Pai, ficando aí um buraco na ordem simbólica do sujeito.

### **3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **3.1. Caracterização dos sujeitos**

Foi realizada uma entrevista pessoal, semi-estruturada, com os pais de um jovem psicótico, o qual é atendido em uma Unidade básica de Saúde em Curitiba, e analisadas três coletas de dados que foram realizadas com familiares de pacientes psicóticos em um hospital psiquiátrico particular. Através da unidade de saúde da Vila Guaíra, foram agendadas entrevistas, porém foi possível realizar somente uma entrevista devido à impossibilidade da direção da Unidade de Saúde em agendar com outras famílias. Fomos recebidos pela Sr.<sup>a</sup> M. (mãe) e o Sr. J. (pai), pais de um paciente com psicose. A entrevista, a qual denominou “caso um”, foi gravada na íntegra e transcrita

para facilitar a articulação com a literatura. A mãe informou que a gravidez e o parto foram complicados, mas sua infância foi “normal” (sic), sem maiores problemas, começando a apresentar comportamento agressivo aos 17 anos, quando parou seus estudos e apresentou dificuldades de relacionamento, dando início ao tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico. A mãe informa que ela não trabalha, não sai de casa, pois ele não pode ficar meia hora sem ela (sic).

A segunda coleta foi obtida em uma clínica psiquiátrica com a mãe e a tia de um paciente de 39 anos, masculino, solteiro, que reside com as entrevistadas, não tem contato com o pai, segundo a mãe tem uma relação familiar boa com ela, com os tios e primos. Informa que o início do tratamento se deu quando P. tinha 17 anos, com uso de vários medicamentos psiquiátricos. Sempre tem crises e é internado. A mãe informa que “ele nunca teve namorada, quer pagar um acompanhante ao filho para que o ensine como se aproximar de uma mulher” (sic).

O terceiro caso é de um paciente de 24 anos, masculino, solteiro, onde os entrevistados foram a mãe e a avó. Reside com os pais e dois irmãos, a mãe informa que sua relação com ela é ótima, mas com o pai é muito conflituosa. A avó diz que “o pai não dá bola para o filho” (sic). R. sempre foi muito reservado, era quieto demais, tinha alguns problemas de aprendizado na escola, segundo a mãe, embora sendo bastante esforçado. A mãe diz que ele é muito inseguro, sendo que até hoje aonde ele vai precisa que ela o acompanhe ou leve-o e busque onde quer que vá. R. nunca teve namorada. A mãe diz que repara que quando ele se interessa por alguém, é de idade semelhante à dela. Começou o tratamento há dois anos, quando apresentou agressividade e irritabilidade, recusando-se a tomar medicação.

O quarto caso trata-se de um paciente de 34 anos de idade, R.F, masculino, solteiro, com diagnóstico de transtorno afetivo bipolar com sintomas psicóticos e de dependência química, havendo também uma hipótese de diagnóstico para a psicose. A coleta da história foi realizada com a mãe, o pai e o irmão mais velho, e posteriormente, quatro dias depois, foi realizada outra coleta a pedido do irmão M, da irmã R e da cunhada S, que segundo eles, “queriam passar informações que não poderiam ser levantadas na frente dos pais porque eles negariam tudo” (sic). Os irmãos informam que R.F “nunca teve limites para nada, sempre fez o que quis e agredia, inclusive fisicamente, as pessoas” (sic), os pais o tratam como uma criança de dois anos de idade, principalmente a mãe, onde se verifica na entrevista que ela sempre o está defendendo, como por exemplo, quando ele tinha 08 anos jogou um pedaço de madeira na cabeça da avó de 80 anos, obtendo uma fissura no crânio, e a mãe justificava dizendo que ele era criança. Os irmãos informam que “a mãe sempre age como se R.F. tivesse que comer e estudar para ela” (sic), onde informam que ela chegava a fazer as lições de casa para ele, ligava para os colegas de R.F. pedindo que eles fizessem os trabalhos para ele e pedia para os professores que o elogiassem muito. Dormiu nos quartos dos pais até os 7 anos, quando o pai insistia para que saísse mas a mãe impedia, dizendo que ele tinha que ficar próximo. Com 15 anos ele começou a ficar mais agressivo e a usar drogas e a beber. Os pais contrataram um detetive para investigar sua vida fora de casa, procuraram um psicólogo com quem se tratou por 04 meses, não querendo continuar.

Percebe-se que ele ansiava por um rompimento com a relação simbiótica com a mãe quando ele dizia que ela o tratava como uma criança e passou a rejeitar as coisas compradas pela mãe e a recusar a mesada do pai. A mãe informa que a partir daí ele “se tornava cada vez mais estranho, não conversava com ninguém em casa, dizia que queria arranjar um emprego e estudar à noite” (sic). O pai então pagou para uma veterinária para que R.F. trabalhasse em sua clínica, mas sem que ele soubesse disso, onde ficou por pouco tempo. Começou a se envolver cada vez mais com as drogas, sendo preso por um dia, e a ficar cada vez mais “fechado”, sem se comunicar com ninguém, começando a andar de um lado para outro compulsivamente e falando coisas desconexas, segundo a mãe.

### **3.2. Análise das entrevistas**

Em todas as entrevistas realizadas pode-se verificar que há uma grande dependência dos filhos em relação à mãe, onde parece dar seqüência à simbiose inicial. No caso um a mãe diz claramente: “se fica meia hora sem eu ele já se sente mal e diz mainha se um dia eu ficar sem você eu morro na mesma hora” (sic), lembrando que se trata de um jovem de 20 anos. Quando questionado sobre a rotina da mãe ela afirma que tem que ficar com ele sempre para dar-lhe os remédios. Igualmente no caso dois, a tia diz “o P.R. pode estar em crise, mas se a mãe estiver com dor de cabeça ele melhora” (sic). No caso quatro a presença da mãe é constante, mãe e filho estão continuamente juntos, o paciente tem 34 anos de idade e mora com a mãe, necessitando dela onde vai, sempre foi dependente desde criança até mesmo para fazer suas tarefas escolares ou para trabalhar, sempre apresentou dificuldades em se afastar dela. Nos quatro casos percebe-se que a mãe está sempre presente para cuidar do filho, tomando decisões, orientando, corrigindo, levando e buscando aonde vão, estando presente a todo o momento, como se fossem crianças pequenas. As mães estão sempre protegendo e buscando colocar o filho como o centro das atenções, como foi no caso quatro onde a mãe pedia para que os colegas de R.F. fizessem os trabalhos da escola para ele, e pedia para que os professores o elogiassem.

Há a dificuldade da separação, o que é experimentado como ameaça catastrófica, segundo Mahler. Isso pode ser percebida nas palavras da mãe do caso um citado acima, onde se percebe o pânico da separação. No caso três vemos que o jovem de 24 anos está sempre próximo à mãe, que precisa levá-lo onde quer que vá e percebe que se ele se interessa por uma garota, é de idade semelhante à dela. No caso quatro isto é claramente visto onde o filho não se separa da mãe, vive com ela, mesmo aos 34 anos não consegue manter-se em emprego, a mãe sempre está voltada aos cuidados de internações de R.F. por dependência química. Quando criança, dormiu no quarto dos pais até os 7 anos de idades, o que caracteriza dificuldades na separação.

Quanto à presença do pai pode-se dizer que na maioria dos casos houve o pai biológico realizando os cuidados paternos através da presença, porém não se pode confirmar se houve o exercício da função paterna enquanto significativa que vai desfazer a identificação da criança com



a mãe, rompendo a célula simbiótica, o pai pela palavra no discurso da mãe, o que indica que houve a forclusão e o Nome-do-Pai não surge ali onde era esperado. No caso um, o pai existe, porém percebe-se que está sempre ausente na relação entre a criança e a mãe, quando esta afirma que sempre cuidou do filho sozinha e o pai afirma que sempre fica fora. Quando interrogado sobre as atividades do filho, demonstra pouco ou nenhum conhecimento sobre a vida cotidiana do mesmo, principalmente a vida escolar, se contradiz quando questionado sobre a aprendizagem, responde que “tinha muita “facilidade” no colégio, estudou até a 6ª série”, quando parou seus estudos.

No caso dois, o pai esteve presente somente nos primeiros dias de vida, mudando de cidade e o paciente foi conhecê-lo somente aos 22 anos, o tio foi quem realizou a função paterna, porém somente anos depois de seu nascimento e a mãe não tinha relação próxima com outra pessoa que poderia ter realizado a intervenção. No caso quatro, a mãe está sempre no controle, prevalece sobre a palavra do pai, por exemplo, quando R.F. tinha 7 anos e ainda dormia no quarto dos pais, o pai queria mudar de quarto mas prevalecia a palavra da mãe que dizia que ele tinha que ficar próximo. Neste mesmo caso para ambos os pais o filho sempre foi o centro das atenções, era atendido em todos os seus pedidos, como por exemplo, o pai fez do quintal da casa um campo de futebol especial para o filho. Era defendido em suas travessuras, alegando que ele era somente uma criança, quando, por exemplo, com 8 anos arremessou um pedaço de madeira na cabeça de sua avó de 80 anos que obteve uma fissura no crânio. No caso três a mãe informa que o filho apresentou conflitos com o pai desde criança e a avó diz que o pai “não dá bola para o filho” (sic).

### **3.3. Conclusão**

Assim, através da história de vida apresentados nos casos estudados, foi possível identificar importantes pontos que se referem à ausência da função paterna no processo de estruturação psíquica. As constatações diagnósticas corroboram a importância do papel da função paterna no discurso da mãe, não só nos primeiros meses de vida, mas ao longo de todo desenvolvimento infantil, contribuindo para a estruturação sadia do aparelho psíquico da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira, volume XIX, 1923-1925. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Kaes, Rene [et al] Transmissão da vida psíquica entre gerações: o sujeito da herança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Lacan, Jacques. Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. O Seminário, Livro 3: as Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. O Seminário, Livro 5: as Formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Lemaire, Anika. Jacques Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

Mahler, Margareth. O processo de separação-individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

Mannoni, Maud. A primeira entrevista em psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

Nasio, Juan David. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_. Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Quinet, Antônio. Teoria e Crítica da Psicose. Rio de Janeiro: Fiorense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Roudinesco, Elizabeth. A Família em desordem: Deus-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Soares, Flávia M. Paula. Aula ministrada na Disciplina Psicologia e Família do curso de Psicologia. Faculdade Dom Bosco, 2008.

Spitz, René Arpad. O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Volich, Rubens. Psicossomática: de Hipócrates à Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Wodonos, Marta Viviane. Ensaio: A relação da função paterna no desencadeamento da psicose. Matéria de Oficina de Produção do Conhecimento VII do curso de Psicologia. Faculdade Dom Bosco, 2009.